

CIBERESPAÇO INDÍGENA – UM ESTUDO DE CASO NO SITE

www.indiosonline.org.br

Maria Anita Siebel¹

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil

Resumo:

Este trabalho tem como tema central o ciberespaço indígena. O objetivo primordial é mostrar aos acadêmicos em geral como o índio trabalha a linguagem na era digital dentro dos ciberespaços. Primeiramente se fará toda uma retomada das questões indígenas como: um panorama das aldeias existentes, hoje, no Brasil; da linguagem oral ao hipertexto; ciberespaços e um estudo de caso do site indígena: www.indiosonline.org.br. O índio On Line é um portal de diálogo intercultural entre sete nações indígenas brasileiras: Kiriri, Tupinambá, Pataxó-Hãhãhãe, Tumbalalá, Xucuru-Kariri, Kariri-Xoxô e Pankarau. Neste estudo do site será analisada a forma dos indígenas expressarem sua identidade cultural, como interagem com o mundo digital, como se apropriam dos hipertextos no próprio site e de que forma criam os links dentro do ciberespaço. Escolhi este tema para poder compartilhar com os colegas um assunto novo em relação à cultura indígena e de como estas aldeias estão se mobilizando para poderem interagir com governantes, acadêmicos e outras aldeias do mundo. Este trabalho visa contribuir para o aprendizado dos acadêmicos ou estudiosos na questão indígena e procura incentivar outras aldeias a interagirem nestas redes virtuais.

Resumen:

Este trabajo se centra en el ciberespacio de la India. El objetivo principal es mostrar a los estudiantes en general y el funcionamiento de la lengua indígena en la era digital en el ciberespacio. En primer lugar se hará un renacimiento de las cuestiones indígenas como: un panorama de los pueblos existentes hoy en Brasil, el lenguaje oral al hipertexto, el ciberespacio y un estudio de caso de indígenas sitio: www.indiosonline.org.br. El indio On Line es un portal para el diálogo intercultural entre las siete naciones indígenas de América Latina: Kiriri, tupinambá Pataxó Hãhãhãe, Tumbalalá, Xucuru Kariri, y Pankarau Kariri XOXO. En este estudio, el sitio se analizará la forma en que los nativos expresar su identidad cultural, la forma en que interactúan con el mundo digital, según proceda, el hipertexto en el sitio y cómo crear los enlaces en el ciberespacio. Elegí este tema para compartir con los colegas un tema nuevo en relación con la cultura indígena y la forma en que estos pueblos se movilizan con el fin de interactuar con funcionarios gubernamentales, académicos y otros pueblos del mundo. Este trabajo tiene como objetivo contribuir al aprendizaje de los estudiantes o estudiosos de las cuestiones indígenas y pretende fomentar otros pueblos para interactuar en estas redes virtuales.

Palavras-chave: Hipertexto; Web; Linguagem; Coletividade; Ciberespaço.

¹ Professora Graduada em Língua Portuguesa (UNISINOS) e de História(FEEVALE) e especialista em Literatura Contemporânea (UNISINOS), da cidade de Novo Hamburgo. E-mail: anitasiebel@bol.com.br.

Introdução

As questões indígenas vêm sendo ampliadas nos últimos anos a partir da Constituição de 1988 que visa à igualdade entre todas as raças no território brasileiro. Mas os povos indígenas com o passar dos anos foram relegados pela nossa sociedade. Muitas aldeias que existiam há 30 anos foram reduzidas. Alguns índios morreram e outros foram mortos ou deixados à margem. Ainda hoje, século XXI, o índio é visto com uma visão antiga. Ele é reproduzido nos livros didáticos e nos filmes como morador das matas, que andam nus e não querem trabalhar. Na realidade este imaginário social não existe, pois a população luta por seus direitos, por suas terras e por uma educação de qualidade para seus filhos, sempre tentando preservar a linguagem. Sem linguagem não há memória e sem memória não há história, como menciona o professor Kaingang, Bruno Pereira², morador da aldeia Guarita, RS. Mas para preservar esta memória e esta história algumas regiões se deram conta da importância da linguagem. E a principal delas ainda é a linguagem oral primária, que é transmitida de pai para filho. Mas como fazer com que esta língua continue a se proliferar, se os jovens índios estão tão deslumbrados com as tecnologias do homem branco e com isso não cultuando sua língua e cultura? Algumas tribos resolveram preservar sua língua e sua cultura através da Internet. Hoje são mais de 37 sites espalhados pelo Brasil para a proliferação da sua memória. De acordo com os dados fornecidos pela Web, no Rio Grande do Sul não existe ainda nenhum site disponível na rede digital. Conforme depoimentos de índios Kaingangs, a região da Guarita está organizando um site, que estará ao alcance da população no próximo ano, ele vai ressaltar a linguagem (kaingang e português) através de textos e depoimentos. Além desse site em desenvolvimento temos o endereço eletrônico mais acessado pelas aldeias do Brasil que é: www.indiosonline.org.br. O Índio On Line é um portal de diálogo intercultural que idealiza a diversidade entre sete nações: Kiriri, Tupinambá, Pataxó-Hãhãhãe, Tumbalalá, Xucuru-Kariri, Kariri-Xoxô, Pankarau e por todas as outras comunidades. Ele foi criado por índios da região nordeste e abrange todas estas áreas com reivindicações, leis, textos, vídeos entre outros links.

Diante disso, percebemos que os índios não são vistos mais naquele imaginário didático e eles mesmos estão modificando o conceito da sociedade não-indígena, buscando através dos meios eletrônicos a identidade cultural de cada região e aldeia, resgatando os valores do século XVI. O processo de implantação destes recursos é muito lento, mas espera-se que todos os indígenas tenham acesso à Internet nas escolas e na comunidade. Para isso ser

² Professor Kaingang Bruno Pereira da localidade da Guarita, RS, graduado em História pela UFRGS.

efetivado as ONGs, os órgãos do governo devem ajudar para a realização destas perspectivas, pois, ainda hoje, temos aldeias isoladas, sem luz, água encanada, péssimas condições de sobrevivências e totalmente excluídas do mundo.

Breve panorama das aldeias indígenas do Brasil

No Brasil, hoje, temos diversas aldeias indígenas registradas pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e algumas que não têm registro legal e que estão espalhadas pelo país. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2010 tínhamos um total de 734.127 pessoas, em 230 povos que falam 180 línguas, distribuídos em 612 terras indígenas. Muitas destas aldeias ainda vivem em total isolamento, outras estão em contato permanente com o homem branco e dentro das grandes cidades. Encontramos índios dentro da política, da cultura, nas grandes Universidades, como docentes e discentes. Muitos ainda estão em busca de uma possibilidade no mercado de trabalho ou lutando por seus direitos de cidadão brasileiro. Este povo passa por muitos problemas, como a desnutrição, o suicídio, o alcoolismo, o desemprego, a falta de terra e a violência. Compete à União proteger e respeitar todos, com direitos iguais de cidadão brasileiro. Mas a lei, muitas vezes, não é respeitada. O Artigo 231 da Constituição Brasileira diz que “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcar, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

O que se pode constatar com esta afirmação é que pouco se faz em relação à comunidade indígena, pois muitos lutam por terras, que já eram deles e que lhes foram roubadas na colonização portuguesa. Então, com esse descaso dos órgãos públicos, os próprios indígenas estão se mobilizando e criando redes digitais próprias, com informações das suas aldeias, compartilhando das leis e reivindicando seus direitos de cidadãos brasileiros.

Da linguagem oral ao hipertexto

Hoje vivemos a era da informatização, da globalização em todo o mundo. Mas alguns povos do nosso país ainda vivem na época das cavernas, onde a linguagem oral é a mais importante de todas, passando de geração para geração. De acordo com Barthes³, o homem precisa da linguagem, não existem sujeitos fora da linguagem. E é na linguagem oral que vários povos indígenas ainda se detêm. Muitas aldeias vivem ainda na oralidade primária e

³ Barthes, R. O rumo da língua. In: *a paz cultural*. SP: Martins Fontes, 2004. P.109-114.

ligadas às lembranças dos antepassados, nada é registrado apenas acoplado na mente humana. Conforme Lévy⁴, a oralidade primária vem antes da sociedade adotar a escrita, a palavra. Mas o que ocorre em muitas comunidades é o não aparecimento da escrita e a preservação da oralidade, o que prejudica muito a sociabilização e a troca de informação sobre aquela cultura, ou aquele povo.

O documento oral é ao mesmo tempo objetivo no sentido de trazer informações passíveis de serem confrontadas com outros documentos (...), portanto o relato oral consiste na representação que o sujeito faz dos fatos de sua vida, narrada segundo sua categoria de valores (...) valorizando ou desvalorizando determinados aspectos.⁵

Como cita a autora o documento oral é importante para o povo, mas apenas para aqueles sujeitos que se apropriam daquele contexto, pois outros indivíduos não poderão se adequar àquela realidade. E de acordo com Lévy, as antigas tecnologias intelectuais tiveram, e têm ainda, um papel fundamental no estabelecimento dos referenciais intelectuais e espaço-temporais das sociedades humanas. Mas outras tecnologias surgiram com o passar dos anos e tiveram uma importância significativa no panorama mundial, que são as redes digitais, ou melhor, o computador. Ele veio para ajudar o mundo no jogo da comunicação, em um espaço interativo onde sujeitos anônimos ou não se comunicam, trocam experiências, difundem culturas, tiram dúvidas, criam textos, imagens, sons. A escrita é primordial para esta troca de mensagens. Então surge o Hipertexto que é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos (...)⁶ E nesta era tecnológica o leitor se torna coautor, pois cria textos e leituras próprias não lineares, podendo escolher qualquer parte do texto como início. Os links proporcionam acessos variados. Por isso que a Internet tem chamado atenção de muitas aldeias indígenas do Brasil. Vários sítios abordam temáticas indígenas e são mantidos por instituições e organizações indígenas. Nestes Hipertextos os indígenas se apropriam de sua cultura e da identidade para mostrar à população conectada seus discursos, sua linguagem, sua tradição e mantendo um espaço de comunicação interativa entre os povos indígenas e não-indígenas.

Ciberespaços

No Brasil existem mais de 37 sites indígenas espalhados por todos os cantos do país.

⁴ LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1999.

⁵ PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: *História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral*. SP, número 3 p. 117-127, jun.2000.

⁶ Idem 4.

Eles usam esta tecnologia como uma máquina digital dialógica, que ajuda a se conectar entre os povos do mundo. De acordo com o programa Governo Eletrônico⁷:

No Brasil, índios de diferentes línguas e etnias foram estimulados a usar a Internet por organizações governamentais e não governamentais. Embora a situação ainda seja bastante precária, inúmeras das 2.698 escolas indígenas existentes nas aldeias, frequentadas por mais de duzentos mil alunos, foram dotadas de computadores. Ali onde isso não foi possível, os computadores dos postos de saúde da Funasa foram disponibilizados dentro dos Pontos de Cultura no Programa Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão.

Percebemos que o Governo, tenta de alguma forma, ajudar na aquisição destes aparelhos, mas ainda devem ser realizados outros apoios para a acessibilidade das redes digitais. Como posso conectar o computador em uma aldeia sem luz elétrica e sem telefone... Mas as aldeias que já possuem este acesso usam os espaços, ciberespaços, para se integrar em diferentes linguagens, utilizadas pelos ambientes digitais. E conforme KIRCHOF e BOIN⁸, ao criarem estas páginas os povos indígenas vão se inserindo em um sistema de representação marcado pela hipertextualidade e podem ser visualizados em diferentes links como citam as ocas, nações, atividade, fóruns, cursos, diários e chat. Sendo este um espaço coletivo produzido por diferentes etnias de diferentes lugares do mundo, produzindo novos sujeitos e novas visibilidades. Mas ainda esta presença indígena é mínima comparada à dimensão digital. Os povos indígenas iniciaram esta caminhada no ano de 2001 e com o passar dos anos tiveram um aumento significativo nestes sítios. Alguns deles são abandonados ou retirados do sistema. Muitos deles são em formato de blogs editados por educadores e escritores, mas muitos destes indígenas não têm contato com as aldeias e mostram uma visão distorcida dos fatos. Nestes ambientes também são divulgados livros, palestras em aldeias, debates na rede, principalmente em relação à questão política, na qual os próprios indígenas realizam reivindicações aos governantes. No Mato Grosso as escolas indígenas têm acesso à Internet e muitos possuem Orkut e MSN onde divulgam o cotidiano na aldeia. No Amazonas os ciberespaços combatem o desmatamento. Eles anunciam através da rede as possíveis invasões do homem branco no território indígena e na mata. Este combate ocorre em tempo real, eles contam com um aparelho denominado smartphones equipados com o sistema operacional Android, da Google, que possibilita flagrar cenas de desmatamento real que são enviadas, via

⁷ Programa Governo Eletrônico: <<http://www.governoeletronico.gov.br>>.

⁸ KIRCHOF, Edgar Roberto e BONIN, Iara Tatiana. *Hipertextualidade e produção de identidades indígenas em páginas virtuais*. Disponível em: <http://www.allb.com.br/arquivo-morto-edicoes_antiores/anais16/sem04pdf-sm04ss03_06pdf> Acessado em 15 mar.2011.

Internet, para o mundo todo.⁹ Estes são os índios Surui da reserva Sete de Setembro (RO), que preservam o ambiente com a ajuda de ONGs e também valorizam a cultura local. Com este espaço engrandecem e fortificam a sua cultura.

Outros ciberespaços estão surgindo na rede para identificar esta identidade cultural, mas ainda deve-se fazer muito dentro das aldeias para que este processo seja maior e eficaz. Primeiramente deve ocorrer uma mudança dentro das aldeias quanto à estrutura física para que após se obtenha computadores e redes de Internet para então realizar a elaboração de ciberespaços.

Um estudo de caso do site indígena: www.indiosonline.org.br

Neste site os índios estão aprendendo novas fontes de tecnologia para poder preservar e proliferar a cultura de sua aldeia, compartilhando com outros cidadãos sua linguagem e sua identidade. O portal índios on-line é formado por sete nações: Kiriri, Tupinambá (Bahia), Pataxó-Hãhãhãe, Tumbalalá, Xucururu-Kariri, Kariri-Xocó (Alagoas), Pankararu (Pernambuco). Os índios que organizaram esta rede são todos voluntários, com o apoio do Ministério da Cultura e do programa Pontos de Cultura Viva e da ANAI (Associação Nacional de Apoio ao Índio) que desenvolvem este portal para resgatar, preservar, atualizar, valorizar e projetar a cultura, proporcionando um diálogo intercultural entre eles. Este espaço mostra a tecnologia na visão do índio e é um ambiente coletivamente produzido por jovens e adultos, homens e mulheres.

Ao abrir este site nos deparamos com múltiplos links: ocas, mapa, arquivo, chat, quem somos, participe, contato e busca. Nestes locais são gerados textos, reivindicações, a apresentação de indígenas no país com a divulgação de um mapa com a localidade. Na página da web encontra-se lançamento de CD Toantes; formação continuada para professores de Pernambuco; Semana Cultural do Potiguará; descaso da Funai em relação aos Potiguaras e Tabajaras (PB); Semana indígena; vestibular UFRR; divulgação do romance Guarani e o livro de Tupã; petições; divulgação do filme: Indígenas digitais e muitas fotos. Além de acessos ao Twittet, Youtube e Facebook.

O site foi fundado em 2004 com o apoio de: Thydêwa; Oi telefonia; Ponto de Mídia Livre; Gesqc (Serviço de Atendimento ao Cidadão) e gerenciado pelo Sistema Wordpress, elaborado por Livresoft e em abril de 2011 já tinham 0001997317 acessos na rede. Qualquer

⁹ THIAGO, Elisa. *Brasil: Índios, Internet e Interculturalidade*. Disponível em: <<http://pt.globalvoicesonline.org/2010/08/14/brasil/indios/internet/e/interculturalidade>> Acessado em 9 mar. 2011.

uma pessoa pode acessar e colocar seu comentário ou divulgar algum evento em relação à questão indígena. O interessante ao acessar este portal é que as pessoas que interagem nele não estão preocupadas com a linguagem utilizada e sim com a mensagem que ele irá transmitir. Esta linguagem é totalmente híbrida, pois não existe uma única forma de expressar o conhecimento, tudo varia de acordo com a aldeia ou o povo que está conectado. E como menciona KIRCHOF e BONIN¹⁰: a experiência indígena de utilização da internet produz lugares sociais, movimenta, suscita, confronta, instaura a dúvida sobre discursos que convencionamos como verdadeiros sobre estes povos e sobre nós mesmos. Além disso, na medida em que se insere em um novo sistema de representações e que participam de diferentes grupos, suas identificações também se reorganizam. Os índios estão se adaptando ao meio eletrônico e com isso estão interagindo através da linguagem verbal, apresentada em hipertextos, sobre as representações orais do seu povo.

Considerações Finais

De maneira geral, percebe-se que no Brasil há um crescimento significativo de portais indígenas na rede virtual. Em 2000 tínhamos 19 portais e hoje já temos 37 sítios espalhados pelo Brasil. Os índios estão se adaptando às novas tecnologias digitais e estão interagindo com os cidadãos de um modo geral, sem barreira ou preconceito. Com o contato pessoal do índio com o homem branco ocorre, em certo ponto, uma barreira entre eles, mas através da rede digital ela não acontece. Ambas as partes compartilham suas ideias, culturas e sem a preocupação com a linguagem. Os povos mostram através da linguagem híbrida sua mensagem, suas lutas e reivindicações. Criam ciberespaços interativos com a ajuda de especialistas na área da informatização. Muitos povos ainda devem se adequar a esta era contemporânea ou da informatização. No Rio Grande do Sul, por exemplo, não se têm espaços interativos, o que mostra o descaso dos governos em relação às terras indígenas e a falta de investimento para a população. Se a verba governamental fosse distribuída e o Ministério da Educação incentivasse a criação de redes digitais nas aldeias teríamos muito mais sites espalhados pelo Brasil e quem sabe todos poderiam conhecer as aldeias existentes no país, interagindo com sua cultura e linguagem. Quantas pesquisas poderiam ser realizadas com a divulgação destas comunidades na rede por todo o mundo. Ainda ocorrem pesquisas nas aldeias através do contato pessoal de pesquisadores e indígenas. Mas quantas aldeias ainda não estão registradas legalmente pela FUNAI.. A lei está aí, as prefeituras estão

¹⁰ Idem 8

cobrando dos professores que se trabalhe a questão indígena em sala de aula. E como cobrar uma questão que os próprios governantes nem sabem...

Vale ressaltar que muito se faz em relação ao país, mas pouco em relação ao indígena. Eles próprios estão criando ciberespaços na Web por necessidade e não por incentivo do Governo. Temos que mudar essa situação, pois os índios representam a nossa cultura, a nossa identidade. Muitos países valorizam a cultura antiga, datada antes de Cristo, como é o caso de Roma e Grécia, que vivem, até hoje, com o turismo impulsionado pela mitologia da antiguidade; valorizam e preservam seus monumentos e seus heróis na rede digital. E por que nós não resgatamos a cultura indígena e criamos a identidade brasileira por meio da rede digital. Quantos turistas e pesquisadores teríamos no país. Temos que acrescentar na nossa identidade cultural a questão indígena. Os países devem pensar no Brasil não como um país do futebol e do carnaval, mas como um país multicultural e com uma linguagem híbrida acessível a todos na Web.

Referências

- AQUINO, M. C. *Hipertexto 2.0, folkosonomia e memória coletiva: um estudo das tags na organização da Web*. E-Compós, v.9,n.2 Brasília, ago. 2007,p.1-18. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/165/166>> Acessado em 13 mar. 2011.
- BARTHES, Roland. A paz cultura: In: _____ *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CALHEIROS, Valdete. *Índios usam tecnologia para manter contato com aldeias distantes*. Disponível em <<http://www.mais.cultura.gov.br//2009/04/20/indios-usam-tecnologia-para-manter-contato>> Acessado em 9 mar. 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DODEBEL, Vera. *A internet como exercício da interculturalidade – um estudo de caso do blog indígena Arco Digital*. Disponível em: <<http://www.usp.br/celacc/ojs/index/php/extraprensa/article/view/s-ses2/17/ssc/2-t17>> Acessado em 15 abril 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural e pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1999.
- JERONYMO, Guilherme. *Pesquisador italiano analisa como índios do Brasil se adaptam a novas tecnologias*. Disponível no site: <<http://tecnologia.uol.com.br/ultimas/noticias/redacao/2010/05/11/pesquisador/italiano>> Acessado em 9 mar.2011.
- LANDOW, George P. *Hypertext Theory*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 1994.
- LEMOES, A. *A Cibercultura. Técnica e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1999.
- KIRCHOF, Edgar Roberto e BONIN, Iara Tatiana. *Hipertextualidade e produção de identidades indígenas em páginas virtuais*. Disponível em: <http://www.allb.com.br/arquivo-morto-edicoes_anais16/sem04pdf-sm04ss03_06pdf> Acessado em 15 mar.2011.
- PEREIRA, Eliete da Silva. *Ciborgues Indígenas@s.br: entre a atuação nativa no ciberespaço e as (re)elaborações étnicas indígenas digitais*. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simposioababer/pdfs/cc/eliete%20Pereira.pdf>> Acessado em 20 abril 2011.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: *História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral*. SP, número 3 p. 117-127, jun.2000.

PINTO. Alejandra Aguilar. *A inclusão digital indígena na sociedade da informação*.

Disponível em: <<http://cult.ulfa.br/enecult2009/19128.pdf>> Acessado em 30 mar 2011;

Programa Governo Eletrônico Disponível no site: <<http://www.governoeletronico.gov.br>>

Acessado em 3 de maio de 2011.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*.

Porto Alegre: Sulina, 2007.

THIAGO, Elisa. Brasil: *Índios, Internet e Interculturalidade*. Disponível em:

<<http://pt.globalvoicesonline.org/2010/08/14/brasil/indios/internet/e/interculturalidade>>

Acessado em 9 mar. 2011.